



IMPRESSORES, EDITORES E CORRESPONDENTES: AS ORIGENS DA IMPRENSA PERIÓDICA EM MINAS GERAIS

Maria Marta Araújo

Acreditava-se, baseado em Xavier da Veiga, que a *Abelha do Itaculumy* teria sido a primeira folha periódica de Minas Gerais.¹ Todavia, não restam dúvidas de que o seu primeiro jornal foi o *Compilador Mineiro*, que apareceu em Ouro Preto, a 13 de outubro de 1823, impresso na Tipografia Patrícia de Barbosa & Cia., cuja interessante história merece ser destacada.

A imprensa com caracteres móveis, a tipografia, surgiu em terras mineiras graças ao inventivo Manuel José Barbosa, mecânico prático, que, a partir de esforço próprio, tanto na fabricação de letras e máquina como na habilitação de compositores e aprendizes, obteve, em abril de 1822, permissão do Príncipe Regente D. Pedro para colocar em atividade, na então Vila Rica, sua pequena oficina tipográfica que tinha, contudo, o grande mérito de ser a primeira totalmente construída no Brasil.

A importância do impressor Manoel Barbosa na história da imprensa mineira é inegável e ainda pouco reconhecida, pois na sua tipografia, além do *Compilador Mineiro*, foram publicados depois a já mencionada *Abelha do Itaculumy*, em janeiro de 1824, e o jornal mineiro de maior prestígio e influência na primeira metade do século XIX: *O Universal*.

O Universal surgiu em Ouro Preto em 17 de julho de 1825, com quatro páginas em formato 25 x 16, e saía três vezes por semana. Com uma

1. VEIGA, José P. Xavier da. "A imprensa em Minas Gerais (1807-1897)". *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Ouro Preto, 1898, v. III, pp. 194-195.

duração surpreendente, uma vez que eram raros os jornais que ultrapassavam a marca de um ano de existência, *O Universal* circulou até 1842, interrompendo suas atividades em função da revolução liberal que tomou conta da província de Minas Gerais, capitaneada, sobretudo, por Teófilo Ottoni. A iniciativa de publicação do jornal coube diretamente ao impressor Manoel Barbosa, que foi seu proprietário durante os dois primeiros anos. Contava nessa época com a colaboração de escritores e políticos eminentes de Minas Gerais, que permaneciam, porém, ocultos sob diferentes pseudônimos, prática comum na imprensa brasileira da época e dado relevante a ser considerado em qualquer análise que se atenha sobre a produção jornalística no período.

Pergunta de difícil resposta é saber, portanto, quem estava por trás dos escritos que circulavam nessa imprensa emergente e que, por força das idéias e das questões levantadas, alimentavam fortemente o debate político e as polêmicas de então.

Cogitou-se, inclusive, e até hoje muitos autores tomam isso como um fato incontestável, que Bernardo Pereira de Vasconcelos² tenha sido o principal redator d'*O Universal*. Contudo, por diversas vezes, essa informação foi negada pelo próprio jornal. Acusava-se Vasconcelos, sobretudo na imprensa do Rio de Janeiro, de ser o senhor da única imprensa de Ouro Preto. Verdade ou não, a pressão era tanta que foi necessária uma declaração categórica do impressor Barbosa, dizendo que Vasconcelos não era o redator

do periódico e que não tinha parte alguma nele “como geralmente se crê”.³

Porém, é certo que *O Universal* esteve ao lado de Vasconcelos, apoiando-o firmemente em diversos momentos de sua carreira política até o seu afastamento do Partido Liberal e a adesão à causa do regresso, quando o jornal, com a mesma intensidade, transformou-se num de seus principais adversários. Conforme destaca Xavier da Veiga, a partir de 1837, o periódico mineiro passou a fazer oposição cada vez mais veemente ao estadista, “não lhe poupando doestos e acusações”.⁴ Antes disso, porém, a grande liderança exercida por Bernardo de Vasconcelos em Minas Gerais e os diversos episódios de sua destacada atuação na cena política do Império, sobretudo na Câmara dos Deputados, estão documentados nas páginas d'*O Universal*, independentemente de ser ele ou não seu principal redator ou apenas um colaborador eventual.

Aliás, pouco estudadas, as colaborações dos leitores, na maior parte das vezes no formato de correspondências, recheiam as páginas da imprensa brasileira do período, constituindo-se talvez e em muitos casos no seu principal ingrediente, como é o caso d'*O Universal* em seu primeiro ano de existência, no qual se destaca o apoio dado ao Conselho Provincial de Minas Gerais, particularmente à sua luta contra o decreto imperial que permitia o monopólio da exploração do Rio Doce por companhias inglesas. Nessa conturbada conjuntura, o jornal franqueia amplo espaço aos seus leitores, que estabelecem

2. Bernardo Pereira de Vasconcelos (1795-1850) é considerado o estadista mais notável de seu tempo. Deputado por várias legislaturas, foi também ministro e conselheiro do Império.

3. *O Universal*, Ouro Preto, 1826, p. 351.

4. VEIGA, José P. Xavier da. *Efemérides mineiras*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1998, p. 688.

longa polêmica com um correspondente que escreve na imprensa do Rio de Janeiro sob o pseudônimo Paraopebano, que se dizia mineiro e que acusava o Conselho da Província de promover a sedição ao se contrapor a um decreto imperial. Desse importante debate, que leva os contendores a analisar a situação da mineração em Minas Gerais e a propor alternativas para seu desenvolvimento econômico, existem diversos escritos que reforçam a importância d'*O Universal* como fonte privilegiada para o estudo acerca da apropriação e circulação das idéias liberais nesse momento tão decisivo na configuração política da jovem nação brasileira.⁵

A partir de 16 de julho de 1827, quando José Pedro Dias de Carvalho – outra figura de destaque no cenário político do Império – assumiu inteiramente a sua publicação, *O Universal* entrou em uma nova fase, consolidando-se como órgão de opinião e um dos mais importantes defensores do ainda embrionário Partido Liberal, no cenário político mineiro e nacional. Sob sua orientação, o jornal sempre se manteve na perspectiva do liberalismo moderado, aproximando-se, porém, dos exaltados no que dizia respeito às tentativas de impor limites mais precisos ao poder do monarca e de que, gradualmente, a partir de um parlamento mais forte, fosse possível construir um governo constitucional, representativo e até mesmo democrático.

Contudo, mesmo depois de 1827, não é possível precisar com certeza a autoria dos textos veiculados n'*O Universal*. Mesmo nos artigos atribuídos ao reda-

tor restam dúvidas, pois José Pedro foi substituído por diversas vezes e houve até um momento em que o jornal contou com três redatores diferentes.

Mas volta-se ao argumento anteriormente apresentado de que poucos foram os escritores do período que abriram mão de utilizar o recurso do anonimato, seja por meio de pseudônimos ou iniciais, para veicular sua produção na imprensa periódica do País.⁶

Tal constatação não impede que se perceba toda essa literatura política que aparece dispersa nos jornais como uma das fontes principais para a identificação das palavras, idéias, valores e representações pelos quais se exprimiu esse pensamento político e social da época, marcado profundamente pela cultura do liberalismo.

Nessa direção, há que se chamar a atenção para as correspondências de leitores, que constituem um *corpus* documental extremamente rico e permitem várias entradas e diferentes possibilidades de leitura. O grande espaço que lhes era reservado nas páginas dos jornais leva à conclusão de que faziam parte de um mesmo grupo jornalistas e leitores e de que o jornal foi antes de tudo um espaço aberto à expressão das idéias políticas.

Como diz o historiador Michel Winock, é preciso reconsiderar o lugar das idéias dentro da sociedade e, sobretudo, admitir que a própria história das idéias políticas “é inseparável de uma história da difusão das idéias, de sua repercussão, de sua metamorfose ou de sua diluição em diferentes fórmulas gráficas

5. A coleção praticamente completa d'*O Universal*, bem como outros jornais mineiros do século XIX, pode ser acessada na página do Arquivo Público Mineiro: www.siaapm.cultura.mg.gov.br.

6. Instrumentação da edição fac-similar do *Reverbero Constitucional Fluminense*, 1821-1822, organizada por Marcello de Ipanema (in memoriam), Cybille de Ipanema. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2005, v. 3, p. 99.



ou plásticas”. Uma história que também se interesse pelas “formulações vulgares dos temas políticos, pelo pensamento automático dos órgãos de opinião, pelos reflexos condicionados, pela circulação dos mitos e dos estereótipos, pelos novos suportes dos enunciados ideológicos”.⁷

De certo modo, estes escritos, elaborados no calor dos acontecimentos, funcionam como espias, não oferecendo, como qualquer outro documento, a realidade histórica em si mesma e nem mesmo uma visão sistemática ou racional da realidade que buscam retratar ou analisar. Esses textos, impregnados pela paixão política, pelo interesse e amor pela coisa pública são indícios, provocações que podem despertar o interesse para o conhecimento dos fatos, homens e idéias de uma época decisiva para a história brasileira, e extremamente carente de novos estudos, inclusive para que se possa romper com velhos preconceitos, fruto da falta de pesquisa, mas também do predomínio de uma visão bastante esquemática das idéias e das práticas políticas no período.

7. WINOCK, Michel. “Les idées politiques”. In: RÉMOND, René. *Pour une histoire politique*. Paris: Seuil, 1988, pp. 246-247.